

« to bruto anda errante, fatiga-se em atravessar espaços imagina-
 « rios, e perece no meio d'esses desertos : a palavra he que pu-
 « le e completa os pensamentos. — » Ella simplificando as opera-
 ções do entendimento, implanta na memoria os conhecimentos d'
 aquisição — amplifica as noções — aperfeiçôa o juizo, e esparge
 ampla somma de benefica luz por sobre o raciocinio — e sendo o
 laço material que fraterniza as differentes intelligencias, entr'ellas
 estabelece huma rapida communição das descobertas individual-
 mente feitas, derivando d'esta continua permutação, segundo hum
 escriptor da escola ecletica, *a riqueza intellectual, que se torna pa-
 trimonio e gloria da humanidade.* A palavra, em fim, evidencia
 o espirito de sociabilidade, no-lo affirmão irrefragaveis autorida-
 des, á par das quaes sobresaem a de Burlamaqui — *la faculté
 de la parole, qui nous donne le moyen de nous communiquer
 nos penseés avec tant de facilité et de promptitude, et qui, hors de
 la société, ne serait d'aucun usage* — e a de Cicero consignada no
 Liv. 1º de Officiis — « O primeiro principio da sociedade humana
 « he aquelle, que forma a sociedade geral ; em que todo o genero
 « humano he comprehendido : e este principio he o commercio da
 « razão e da palavra ; por quanto esta só forma entr'os homens hu-
 « ma sociedade, que condu-los á transmissão de seus pensamentos,
 « áo promover reciproco de sua instrucção etc. — »

Ora, si taes são os fóros e a sublime missão da *palavra*, quaes
 n'esta circumscripta individuação havemos exposto, he de facil in-
 tuição — que no homem ha o dever ethico de progredir na con-
 secução de seu fim. Mas a observancia d'este dever terá por ven-
 tura sido restricta e geralmente realisada ? Importa que com o
 escalpello da analyse anatomizemos esta proposição, evidenciemo-la.

Homens ha, que por hum excessivo abuso da faculdade voli-
 tiva falseando o nobre e importante destino da *palavra*, fazendo-
 a retrogradar do natural carreiro de melhorar a condição do ho-
 mem, alheando-a do bello character de *commercio dos espiritos e dos
 corações*, tem desnaturado o seo sublime apostolado á ponto de não
 recuarem diante de sua profanação ! á ponto d'amalgamarem-na
 com as falsidades e os convicios ! á ponto de conspurcarem-na no
 lodaçal da maledicencia e dos turpiloquios ! . . . He d'estes que o
 Psalmista diz — *Cujus maledictione os plenum est, et amaritudine,
 et dolo.*

Mas tambem os ha, que tem comprehendido a latitude do a-
 panagio da *palavra* : estes não esterilizando-a no ocio, alongando-
 a do marasmo que lhe attrahe o indevido uso, fazendo-a marchar
 pelo verdadeiro carril, com ella hão agricultado o fertil campo do
 mundo moral, de cuja maravilhosa vegetação tem colhido sazona-
 dos fructos d'hum merito ineffavel, e colligido meios de com du-

plicada força aprestar os liames que unem a humanidade; porque d'ella tem feito hum vehiculo de diffusão d'alma em alma dos effluvios que rescendem do bello, do verdadeiro, e do virtuoso: estes, dizemos, por intermedio de tão poderoso agente poem em circulação pensamentos transcendentos e momentosos, que servem de fanal a vida dos povos — a lingoagem na sua bocca, notamo-lo com hum escriptor portuguez, *he hum mensageiro ceeste, que annuncia os louvores e os beneficios da virtude.*

E tão penetrado era d'esta verdade o emulo do celebre Bispo de Meaux, o erudito Arcebispo de Cambray, que na sua obra didactica poz nos labios do joven Protagonista estas palavras com admiravel simplicidade — *Il suffit que le mensonge soit mensonge, pour ne pas etre digne à un homme qui parle en presence des dieux, et qui doit tout à la verité. Celui qui blesse la verité offense les dieux, et se blesse soi meme; car il parle contre sa conscience.*

Taes são a importancia e a missão da *palavra*: cumpre não disvirtua-la nem arreda-la do seu legitimo e verdadeiro curso.

A. WITRUVIO P. B. E ACCIOLI DE VASCONCELLOS.

BOSQUEJO HISTORICO.

IV.

Entretanto continuavão os tyrannos em seus planos de perseguição e de morte, prendendo e assassinando a todos os que suppunhão terem ou poderem tomar parte na revolução contra elles. Em Goiana desarmarão grande numero de Cidadãos, prenderão e suppliciarão outros, sendo até arrastado o corpo de um pelas ruas daquella Villa.

Na supposição tal vez de assim atterrarem os anim's, proseguirão os barbaros Hollandezes na carreira de suas tyrannias; quando os habitantes dos suburbios de Goiana, elegendo por Chefes a — Diogo Carvalho, Pascoal de Freitas, e Martim Fragoso, — apresentão-se em campo e proclamão a liberdade, apoderando-se da Villa, donde expulsarão o inimigo depois de bem sangrado.

Chegou a ésta Cidade a noticia deste feito, e *Paulo de Lynge* conhecendo o estado das cousas, quiz ver se por meios brandos continha os independentes. Reprova os excessos dos seus com-

patriotas, e em vez de fazer marchar uma força para bater os Goianistas, publica um Decreto de amnistia geral a favor d'elles, se voltassem ao seu estado pacifico.

Lynge, faltando-lhe forças, como politico e habil General, inda lançou mão de outros meios brandos e persuasorios, bem que conhecesse a insufficiencia d'elles, principalmente depois de se terem divulgado as victorias de *Vieira*, alcançadas em Pernambuco; era uma dissimulação somente para ganhar tempo.

Ab passo porem que assim obrava, a sua posição se tornava cada vez mais complicada. Elle havia mandado descer do sertão — *Pero Poty* com os seus indios; a aproximação destes barbaros, ja mais poderia conter o povo; e nesta conjunctura laborando de perfidia em perfidia, elle publica, que havia mandado descer os indios de sua jurisdicção para os ter com suas mulheres e filhos nesta Cidade como prisioneiros, visto como queria evitar algum excesso de sua parte, praticado com o pretexto do rompimento de *Vieira*. Estas razões illudirão a bem poucos; mas não tendo ainda chegado os soccorros pedidos a — *Vieira*, conservarão-se os habitantes desta Cidade em aparente obediencia, fingindo descançar nas palavras do General inimigo.

Entretanto transferio *Lynge* o seu Quartel General para a Fortaleza de Cabedello, e fez prender o Capitão Antonio Barbalho, um dos contemplados na lista dos denunciantes; depois do que reunindo-se os ricos proprietarios e mais povo dos suburbios desta Cidade, dirigirão-se em corpo para a porta da Fortaleza, e representárão-lhe que cumpria ao Governo protege-los, visto como ninguem se podia fiar nos barbaros que descião do sertão, os quaes farião por certo nesta Cidade, o que haviam feito em Cunhaú e outros logares.

Lynge ouviu os representantes e protestou que o Supremo Conselho era nisto innocente, tanto que tinha expedido as mais terminantes ordens para a prisão do Hollandez *Jacob* autor das atrocidades apontadas; justificou o seu Governo quanto pôde, e para mais colorar sua perfidia, marchou no outro dia com uma partida de soldados a correr os contornos desta Cidade, em cuja digressão repetio aos moradores os mesmos protestos e desculpas; fingindo-se magoado com a relação dos factos horrosos praticados por seus compatriotas.

De volta, e logo poucos dias depois, divulgou-se a grande victoria alcançada no monte de Tabocas, assim como a chegada de — *Vidal de Negreiros*, e de — *Soares Moreno*, ao acampamento de *Vieira*, á cuja noticia vendo *Lynge* que os Para-

hybanos não seriam indifferentes, e querendo evitar uma surpresa em posição menos fortificada, mandou retirar para a Fortaleza do Cabedello, todos os Hollandezes, paisanos e indios auxiliares com suas familias.

Ao passo que isto se passava, espalhava-se igualmente a noticia de que duzentos carabineiros Hollandezes accompanhados pelos Tapuyas do commando de *Jacob*, desciam do sertão para destruir Goiana e seus contornos, e os Parahybanos mais sagazes do que indecisos, aproveitando-se deste ensejo, dirigiram-se outra vez em maior numero ao General *Lynge*, representando-lhe a necessidade de se armarem para resistir ao commum inimigo; visto como era aquelle corpo composto de rebelados, que não obedecia ao Governo Hollandez. A esta petição juntarão os representantes um donativo pecuniario, e afinal tiveram por despacho a faculdade de se armarem — *menos com armas de fogo*, cuja prohibição ficava em inteiro vigor!!!

Com esta celebre permissão, armaram-se os Parahybanos da maneira que poderão, e reunidos se acamparão recolhendo suas familias, bens e viveres; e o General Hollandez com o resto da força do seu commando existente nesta Cidade, recolheu-se a Cabedello, mesmo no momento em que se divulgava a noticia da victoria da Casa-forte e da derrota e prisão de *Henrique Huss*.

Assim, tinham chegado as cousas a este pé, quando se aproximaram os barbaros do sertão, e todos os Parahybanos que por incautos e nimiamente incredulos se não juntarão á seus patricios acampados, foram victimas da sua incredulidade; a vista do que tentando parte dos nossos sair das fortificações para encontrar o inimigo, foram prudentemente obstados por — *Francisco Camello*, que os conteve representando-lhes o risco desse passo mal pensado, que seria por certo prejudicial a todos.

Gravissimos males acautelou este conselho, por que sabendo *Lynge* que *Vieira* destacava parte do seu Exercito para proteger os Parahybanos, não permittio que os seus soldados viessem como pedião, saquear e destruir a Cidade; e pelo contrario abriu civil e officiosa correspondencia, com o que deo lugar a se lhe fazer proposições vantajosas para a entrega da Fortaleza, que talvez como — *Hoogstrate* em Nazareth o tivesse feito com a mesma infamia, se os negocios não se complicassem a ponto de lhe ser preciso, para salvar a sua reputação, sacrificar traidora e barbaramente a vida do homem que servio de mensageiro a esta correspondencia, como adiante veremos.

Continua.

S. H. DE A.

O SOCIO.**ROMANCE.****II****Anna e Clara.**

Acabava de solemnisar-se aquelle dia na igreja dos Franciscanos.

Eram nove horas da noite.

No meio da multidão que sabia do tempo e escoava-se pelas largas ruas, ia o incognito mancebo, que de manhan, durante a missa, tam incantado estivera, quando com as de mais bellezas da festa casavam-se as harmonias do orgão sagrado.

A noite era a mais linda : o ceo estava sem nuvens, e o luar delicioso.

O desconhecido levava os olhos voltados para um pequeno grupo, que perto d'elle ia, e que desapareceu pouco depois, entrando na casa N.º... da rua Direita.

Entre as pessoas, que formavam este grupo, achavam-se as duas filhas de Antonio José Gonsalves, negociante abastado, e pai verdadeiramente extremoso no amor que lhes consagrava.

Anna e Clara — que assim se chamavam ellas — voltavam, a primeira alegre, ou mais alegre que nunca ; a segunda porém triste, e mais callada e pensativa que de costume.

Depois da cêa, o piano esteve aberto, e a voz sonora e doce de Anna repetiu algumas arias das melhores, que sabia.

— « Não queres tu cantar ? » perguntou ella á irman, attendendo na indiferença que lhe mostrava o semblante melancolico de Clara, taciturno e immovel.

— « Cantar ? » repetiu Clara « E' já tam tarde... »

— « Tens somno ? »

— « Não. »

— « Nem eu. Cantemos ainda ; está tam bella a noite, que não tenho ânimo de ir já recolher-me. Canta, Clara... uma vez ao menos ; eu te acompanharei com o piano. Ou antes, vamos nós cantar um dueto ? »

— « Sim : » respondeu Clara, com extranha frieza.

— « A modo que estás triste... » continuou Anna : « Pois eu... não te sei dizer o que hoje tenho ; mas o que é certo é que me sinto contente... que tudo como que me surri : o luar me incanta, a aragem me parece imbalsamada, a musica me extazia... tu

mesma estás mais bella que nunca. Ha momentos — bem raros sim — que passo como agora, e que não posso entretanto descrever; mas em que sinto-me como que transportada para um outro mundo, aonde tudo são imagens tam lindas e apraziveis... e aonde eu me esqueço de quanto ha triste na terra para ingolfar-me em sonhos tam delectosos!... Não sentes isto, Clara? E' uma coisa mysteriosa, inexplicavel... Não sentes isto ás vezes?

— « Sim... ás vezes: » lhe tornou a irman; e, como quem procura distrahir-se, voltou-se para o piano.

— « Mas vamos ao dueto: » disse Anna. « Qual hade elle ser? »

— « Seja... »

— « Seja este! » exclamou ella deparando com um que apresentou logo á irman. E passou immediatamente a preludiar.

Pouco depois cantavam... tam bello, como se diz cantarem no ceo os anjos.

Porém Anna suspendendo-se, admirada fitou os olhos na irman.

— « Clara, tu estás ahi destrahida... estás a errar »

— « De certo... E' que estou tam indisposta, tam infadada... era tanta a gente na egreja... »

— « E a proposito, reparaste naquelle moço que... »

Clara interrompeu-a, fazendo-lhe signal de se calar, e lhe disse de mausinho:

— « Deixa essas coisas para logo. »

— « Sim, sou uma indiscreta » reflectio Anna. « Conversaremos ao deitar-nos. »

E similhante a quem subitamente esquece uma idéa para deixar-se preoccupar de outra, fechou logo o piano, e se dirigiu para a varanda.

Ellas se entretiveram ainda ao pé de seus queridos paes lendo algumas estancias do famoso *Caramuru*, até que deu meia noite.

Retiraram-se então para o seu aposento de dormida.

Pa sado algum tempo, Clara estava já deitada, mas não dormia; e Anna que estivera á janella a contemplar a linda perspectiva da noite, perguntava á irman:

— « Estás com somno, Clara? »

— « Ainda não, Anna. »

Então collocou ella uma cadeira juncto á cabeceira do leito, e sentou-se.

— « Para que? » perguntou Clara.

— « Para conversarmos: agora já não ha quem nos escute, e eu tenho que te dizer uma coisa. »

— « O que? »